



Em Questão

ISSN: 1807-8893

emquestao@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do

Sul

Brasil

Dias de Oliveira, Lizete
Registro da informação: consciência, materialidade e código da escrita
Em Questão, vol. 21, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015, pp. 235-249
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645968013>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Registro da informação: consciência, materialidade e código da escrita

Lizete Dias de Oliveira

Doutora; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
lee7dias@gmail.com

Resumo: A escrita é uma poderosa invenção de registro e transmissão da Informação que modificou a consciência humana, imprimindo-lhe uma nova consciência histórica ligada a uma concepção linear e vetorial do tempo. Nesse estudo a escrita é analisada a partir das técnicas de registro de Informação (inscrição, sobrescrição e prescrição) a partir dos códigos empregados (pictográficos, alfanuméricos ou binários), sendo cada código ligado a uma concepção de representação (caracteres, tipos e cifras), e inscrito através de diferentes técnicas e cultura material (ferramentas, máquinas e aparelhos). Conclui-se que cada método de registro está vinculado a um tipo de consciência sobre o mundo, sobre o tempo, sobre as relações sociais e que a mudança em alguns desses aspectos provoca transformações nos demais.

Palavras-chave: Escrita. Códigos de escrita. Materialidades. Ciência da Informação.

1 Introdução

Já nos primeiros anos de vida escolar aprendemos a chave de decifração do código alfanumérico através do qual a cultura ocidental vem sendo transmitida há milhares de anos. Como uma sequência de letras, de números e de sinais gráficos ordenados e alinhados unidimensionalmente, a escrita é uma poderosa invenção que transformou a mente humana e fez emergir um novo tipo de pensar, pois como afirma Vilém Flusser “escrever é um ato que orienta e alinha o pensamento” (FLUSSER, 2010, p. 20). O traçado linear dos sinais gráficos formou, na mente humana, uma consciência histórica baseada num tempo vetorial, causa e consequência da modificação dos instrumentos de registro da informação e dos gestos ligados às suas diferentes tecnologias. Propomos seguir as

transformações da escrita e dos seus códigos, da consciência e dos gestos por eles modificados.

Antes da escrita vivia-se no círculo mágico do pensamento mítico, quando o tempo era marcado pelo passar das estações, pela troca das luas, pelos ciclos de vida e morte da natureza. A narrativa dos mitos exteriorizava a memória no espaço público através da língua falada. Quando, com o ato de escrever, a língua falada foi registrada em uma partitura de sons representados por um código alfanumérico, passou-se da consciência cíclica do pensamento mítico para um pensamento histórico, seu sentido não foi, como é atualmente nos idiomas ocidentais, determinado necessariamente da esquerda para a direita; cada cultura convencionou um sentido próprio para sua escrita. Nas escritas mais antigas, como o bustrofédon, as linhas seguiam o sentido da trajetória do arado, indicando uma contemporaneidade das primeiras escritas com a invenção da agricultura. Datados do Período Neolítico, a escrita e os primeiros cultivos adotaram o caminho seguido pelo arado, surgindo o conceito de cultura, do semear e do cultivar intelectualmente, que esteve sempre ligado ao registro da informação.

O ato de escrever está vinculado ao corpo desde as primeiras ferramentas até hoje. Se, com as ferramentas de incisão, o movimento básico era de apreensão através do polegar opositor, atualmente as relações do corpo com as novas tecnologias reafirmam a importância da mão e da transformação ontológica do próprio humano no Corpo Biocibernético (SANTARELLA, 2004, p. 50). A imersão de um escritor plugado no ciberespaço não o leva a uma imobilidade corporal mas, pelo contrário, ativa os sistemas perceptivos que captam uma mesma informação exigindo a coordenação visiomotora que é ativada instantaneamente a cada *click*. O *mouse* que corre em um plano é controlado a partir de um simples toque feito com a ponta dos dedos, onde se concentra a sensibilidade do corpo, provocando mudanças visuais dinâmicas na tela que modificam, por sua vez, nossa percepção visual e sonora. Os dedos e o cérebro continuam conectados no mesmo gesto de escrever, de pensar e de avaliar o mundo (SENNET, 2009).

Independente da forma e dos instrumentos utilizados, os gestos de escrita têm em comum o ordenar, alinhando o pensamento através de sinais gráficos em

um gesto que prolonga a potencia da mão. Porém, ordenar e organizar mecânica e logicamente as informações são tarefas que as máquinas executam mais rápido e mais eficientemente do que o processo cognitivo humano. Códigos binários transmitem a informação de modo mais eficiente e duradouro que os códigos alfanuméricos. Com o surgimento da Inteligência Artificial e a possibilidade de comunicação entre humanos e máquinas, quais seriam e como se modificariam a nossa própria cognição e as sociedades humanas?

Com a Revolução da Informática um novo tipo de pensamento está emergindo, ou, por enquanto, nos está submergindo. O conhecimento já pode ser registrado e transmitido para as futuras gerações a partir de outros códigos, tornando possível que se utilize o computador sem que se saiba ler e escrever, conforme constatado em pesquisas como One Laptop Per Child (OLPC), desenvolvida por Nicholas Negroponte, na Etiópia (NEGROPONTE, [2009]). Num futuro, estariam os códigos escritos alfanuméricos condenados à obsolescência ou a perda de suas chaves de leitura, como aconteceu com os códigos antigos de escritas que até hoje não foram decifrados?

Refletir sobre a escrita e suas diversas formas é fundamental na compreensão das transformações do novo universo que se abre com os avanços tecnológicos. Estudos de Ontologia Digital com um enfoque Pragmático permitem entender essa nova consciência emergente em várias de suas dimensões: na cultura material, empregada para o registro da informação (ferramentas, máquinas e aparelhos); na forma de escrever (inscrição, sobrescrição e prescrição); e na concepção sobre os sinais utilizados (caracteres, tipos e cifras). Enfocaremos a escrita nos diferentes processos de registro da informação e nas diferentes consciências que emergem de cada instrumento de escrita: o inscrever caracteres com ferramentas, o sobrescrever tipos com máquinas e, finalmente, o prescrever cifras para aparelhos.

2 Inscrição

A inscrição é a arte de fazer uma incisão sobre um objeto, riscando ou gravando formas em um suporte com o uso de ferramentas. Na sua origem, escrever significa riscar, gravar, mas também cortar ou separar. O gesto de fazer incisões começou há 2,5 milhões de anos, quando produzimos, utilizamos e guardamos as primeiras ferramentas de uma indústria chamada Olduvaiana. Essa primeira indústria do ser humano, ligada ao *Homo habilis*, era formada por duas ferramentas básicas lascadas de um mesmo bloco lítico: um percursor e as lascas. A lasca é um instrumento de incisão que tanto pode cortar carne como pode imprimir informação em um suporte, como está registrado em ossos encontrados em sítios pré-históricos. Por essa razão Norval Baitello Junior afirma sobre a escrita que, sendo “nascida de incisões no corpo da terra e das mais duras matérias, é de sua natureza ser cortante como lâmina” (FLUSSER, 2010, p. 10). Esse suporte foi, inicialmente, as paredes rochosas de cavernas, paredões de vales ou ossos de animais, paredes de templos e palácios, e depois foram gravados incisões em argila ou na cera.

No mito ocidental de Criação do Homem, Deus pegou a argila, insuflou o sopro (Espírito) e criou Adão, que em hebraico significa barro. Foi a partir desse primeiro gesto informacional, dessa técnica de inscrição de informação, que se fundou a civilização judaico-cristã, conhecida como a civilização do livro. Esse gesto divino foi apreendido e repetido pelos homens durante milênios: pegar a argila nas mãos (compreender o objeto), transformá-la em tablete (trabalhar a matéria), in-formá-la (gravar formas no suporte) e queimar (endurecer para a memória). Esse gesto descreve o preparo de um suporte de informação (um tablete em argila) onde seria gravado (informado) um código cuneiforme com uma ferramenta (o estílo) (FLUSSER, 2010; FLUSSER, 2009; FLUSSER, 2008). A definição de Informação, como o “impor forma à matéria”, no sentido de modela-la, é um conceito que surgiu entre os gregos, foi posteriormente desenvolvido por Cícero e Virgílio e adotado na Idade Média pelos Escolásticos (CAPURRO, 2003).

Se as transformações técnicas provocam mudanças na consciência humana, ao mesmo tempo, a consciência modifica a técnica. Ao longo da história da Humanidade, a velocidade de registro de informação foi aumentando exponencialmente de acordo com as mudanças nas técnicas de registro. Escrever com uma pena de ave ou um pincel é mais rápido do que com um cinzel ou estilete. No Ocidente, invertemos a empunhadura da pena e passamos a escrever com seu canal. Criamos a caneta esferográfica, o processador Word, em um processo vertiginoso de aceleração da velocidade da escrita (FLUSSER, 2010, p. 32-33). As ferramentas estão sendo paulatinamente substituídas por máquinas que imitam mecanicamente o corpo humano, projetadas a partir de teorias científicas baseadas na Química e na Física. Atualmente, os aparelhos substituem as máquinas, aplicando teorias da Neurofisiologia e da Biologia, que imitam a mão e o corpo neurologicamente. (FLUSSER, 2007; SENNET, 2009)

Nesse processo de aceleração, a leitura foi também ficando cada vez mais rápida. Seus olhos, leitor, deslizam seguindo rapidamente as linhas de códigos alfanuméricos, escritos nessa página. Ao ler esse texto, estás decifrando um conjunto de sinais compostos não apenas por letras e números, mas também por sinais normatizadores, como as vírgulas ou os pontos, que foram introduzidos na escrita a partir da Idade Média para marcar pausas e permitir a respiração quando lemos em voz alta. Até a Idade Média os textos eram lidos sempre em voz alta, até que leitores ousados como Santo Ambrósio começaram a ler em silêncio (CHARTIER, 2002).

Ainda mais longe no tempo, outros códigos transmitiam informação através da aglutinação de imagens. Uma montanha ligada a uma figura feminina representando “a mulher que morava além das montanhas” significava “escrava”. Eclipsados pelo código alfabético, esses Culturemas resistem e vêm se transformando há cinco mil anos. Como os ideogramas, esses códigos sobrevivem de várias formas, como nos rebus, por exemplo, que usam imagens para formar palavras: a imagem do sol somada a imagem de um dado significam “soldado” (FLUSSER, 2010, p. 44).

As primeiras letras são imagens da cena cultural do século XXI AC. O alfa (α), que inicialmente representava os chifres de um carneiro, girou sobre seu

eixo e depois transformou-se no A do alfabeto latino. Com o transcodificar do pensamento usando o código alfanumérico, passamos das superfícies bidimensionais das imagens para os códigos unidimensionais das linhas. Passamos do código ambíguo da imagem (Ícone) para o código econômico da escrita alfanumérica, cujas letras representam os sons pronunciados da palavra (Símbolo), indicando um objeto ou um conceito (Objeto do Signo). Um texto é uma partitura de um enunciado acústico que torna o som visível. Nesse sentido, as letras estão ligadas ao auditivo, ao musical, tornando visíveis os sons através de sinais gráficos. Contudo, até o final da Idade Média esses signos eram considerados caracteres particulares, sendo que para o escritor medieval $\alpha \neq A$. Apesar de as letras serem notações de sons, cada língua tinha um alfabeto próprio, particular e tão poderoso que lhe era atribuído poderes mágicos. Como lembra Vilém Flusser (2010), resquícios desse pensamento ligado ao sagrado estão na permanência de quatro alfabetos diferentes: latino, grego, hebraico e o árabe ainda hoje utilizados por diferentes culturas.

3 Sobrescrições

No final do século XV, uma nova técnica, a tipografia, provocou o surgimento de uma consciência inédita sobre a notação da escrita. Um poderoso método de disseminação da informação em código alfanumérico, a tipografia é uma técnica que permite (re)produzir mecânica e infinitamente a informação. Como uma nova forma de escrever e de pensar que revolucionou nosso mundo, ela tem origem nas palavras gregas *graphien*, que significa inscrição, e *typoi*, que significa vestígio, no sentido de uma pegada, do moldar a matéria, do deixar marcas.

A maior revolução da tipografia foi ter provocado a tomada de consciência de que as marcas impressas nos textos não eram caracteres, mas sim tipos. A mudança conceitual dos caracteres para os tipos significou assumir-se que um som qualquer pode ser representado por um mesmo tipo, independente da língua falada. Se, independente do idioma, o alfabeto representa o som, e se a fala é registrada em forma de partituras, então toda e qualquer língua falada pode ser escrita pelos mesmos tipos. Mesmo as línguas mais difíceis e de difícil pronun-

cia foram gramatizadas usando o alfabeto latino, como fez Antonio Ruiz de Montoya com a língua guarani que, tal como outras línguas americanas anteriores ao descobrimento do Novo Mundo, era uma língua exclusivamente oral.

Sobre as línguas, seus poderes e seus limites, Umberto Eco (ECO; CARRIÈRE, 2010) conta que quando a Agência Espacial Norte-americana (NASA) deparou-se com o problema de enterrar o lixo nuclear, que se conserva radioativo durante dez mil anos, buscou algum tipo de sinal que alertasse sobre o perigo que esse local representaria durante os próximos milhares de anos. A questão consistia em como indicar esse perigo, se a chave de decifração do código das línguas perde-se por volta de dois ou três mil anos? O linguista, antropólogo e semiótico, Tom Sebeok, estudou o problema e concluiu que nenhuma língua, nem mesmo uma língua pictográfica, pode ser entendida fora do contexto em que havia sido criada. A única possibilidade de alertar para o perigo milenário da radioatividade, segundo ele, seria constituir irmandades religiosas que fariam circular entre seus membros um tabu que proibisse entrar no local, tocar ou comer os frutos que ali crescessem (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 145).

Somente os tabus são transmitidos por séculos e milênios dentro de uma comunidade, de uma geração para outra. Isso porque, como afirma Wittgenstein, não existe uma língua de um só indivíduo, ou seja, não existe uma linguagem privada. Tal afirmação, entendida dentro do Paradigma Social para a Ciência da Informação, e seguindo a classificação de Rafael Capurro (2003; CAPURRO; HJORLAND, 2007), é fundamental para os estudos de Comunidades Discursivas ou de Análise de Domínio, cujo conceito principal é o de Campos Cognitivos. Assim, também não é possível criar um algoritmo ideal que modele a recuperação da informação, todas as bases de dados possuem um caráter polisêmico pela fato de seu léxico ser fluido e não fixo. Se não existem sujeitos isolados na comunicação, os Sistemas de Informação precisam necessariamente considerar um grupo social concreto no seu contexto cultural. Qualquer mensagem baseia-se numa pré-compreensão que não é apenas do usuário, mas também da comunidade onde ele está inserido.

Utilizar um tipo significa um modelo de classificação com base no que é comum, na possibilidade de fazer analogia, na busca de um universal. Essa

questão escolástica, que ficou conhecida como a Disputa sobre os Universais, instalou-se na Idade Média entre os Nominalistas e os Realistas, isto é, respectivamente, os que defendiam os caracteres e os que defendiam os tipos. No centro dessa disputa havia a questão da analogia, da possibilidade de comparação. Por exemplo, é possível fazer uma analogia entre um gato e um tigre? Para os Nominalistas, não existe possibilidade de comparação, pois, segundo eles, a analogia é um truque para tornar igual o diferente, criando a necessidade da instauração de uma nova categoria. Para os Realistas, a analogia do gato e do tigre é possível, ao evocar-se a qualidade de felinos, visto que, para eles, o universal felino oculta-se nos particulares gato e tigre.

A analogia defendida pelos Realistas é a possibilidade de reduzir as diferenças particulares a um semelhante comum, até que se possa descobrir um universal. Nesse pensamento indutivo, parte-se do particular para o genérico, de um baixo nível de realidade a um nível superior. Extraí-se o comum, a essência do particular, e dessa essência extraí-se uma nova essência, e novamente uma outra, e assim sucessivamente até a Quintessência, o Universal dos Universais, que na época era considerado Deus (FLUSSER, 2010).

Segundo Charles Peirce, um exame cuidadoso das obras dos Escolásticos mostraria que “a distinção entre essas duas visões do real – uma como fonte da corrente do pensamento humano, a outra como uma forma imóvel até no que flui – é o que ocasiona o desacordo sobre a questão dos universais” (PEIRCE 2012, p. 136). Para ele, a questão do Nominalismo e do Realismo tem suas implicações na nossa vida cotidiana. “A questão sobre se os homens tem realmente algo em comum, de modo que a *comunidade* deva se considerar como um fim em si mesma, e, se assim é, qual é o valor relativo dos dois fatores, é a pergunta prática mais fundamental com respeito a toda instituição pública (...)” (PEIRCE, 2012, p. 22).

A tipografia provocou a vitória dos Realistas através da adoção do conceito de tipo, suporte cognitivo da Ciência Moderna. Os métodos atuais de classificação da informação e do conhecimento, como a Classificação Decimal Universal (CDU), os Arranjos e os Planos de Classificação, estão baseados na concepção defendida pelos Realistas. São métodos que criam pirâmides organizadas

hierarquicamente através de suas qualidades, em direção a uma Universalidade Superior, como as Classes da CDU, baseadas em árvores do conhecimento (WEINBERGER, 2007).

O Impresso é o típico. Ele não é um incomparável, particular ou singular, como são os manuscritos. O tipo é um exemplar, um entre muitos iguais a ele, como são os exemplares de um mesmo livro. Se o pensamento baseado em signos escritos já havia começado no segundo milênio antes da era cristã, a consciência desse pensamento tipificante só veio com a tipografia, quando passou-se a manejar tipos em vez de caracteres. Portanto, a tipografia é um modo consciente de escrever alfabetico, uma expressão de um pensamento ocidental, histórico, científico e progressista, baseado na possibilidade de se fazer analogias através dos tipos.

4 Prescrições

De um pensamento mitológico baseado no tempo cíclico, passamos para uma consciência histórica forjada pelo pensamento linear da escrita alfanumérica, usando caracteres e depois tipos como signos da escrita. Com a informática, programamos aparelhos através de uma escrita de código binário, que insere sinais em campos eletromagnéticos ao pressionar teclas. Estamos criando uma nova virtualidade no escrever, e tomamos consciência de que usamos cifras. Com essa mudança, do tipo para a cifra, desenvolvemos uma nova consciência matemática e a-histórica (FLUSSER, 2010).

Com a Revolução da Informática, estamos passando do mundo das letras, da audição, para o mundo dos números, da visão abstrata: se as letras do alfabeto alfanumérico estão ligadas ao som, os números estão ligados ao visual, às imagens abstratas, vistas com o olho interior, são quantidades, são sinais para ideias (SACKS, 2010; DAMÁSIO, 2004). Para compreender o Teorema de Pitágoras, por exemplo, que afirma que o quadrado da hipotenusa é a soma do quadrado dos catetos, é necessário, além de sua fórmula, produzir uma imagem mental da ideia de três quadrados que possuem um dos lados correspondente a

um dos três lados de um triângulo retângulo. A dificuldade está em explicar imagens abstratas em palavras (OLIVEIRA, 2011).

Atualmente, as imagens esboçadas no nosso cérebro, seja quando conscientes ou durante nossos sonhos, podem ser representadas em uma tela de computador, tornadas visíveis através de algoritmos. Os números, que produzem um mosaico de quadrinhos e uma sequência de zeros e uns, são ordenados, ou seja, podem ser contados; daí se origina a palavra francesa *ordinateur* para computador. A arte computacional é rica na produção de imagens de aparelhos sobre as quais não há mais sentido em procurar uma aura, como propunha Walter Benjamin em relação a fotografia (BENJAMIN, 1994). Semelhante processo ocorre também com a música eletrônica, visto que compor pode significar processar dados. Com essa forma de escrever através de cifras, eliminaremos paulatinamente a fronteira entre Arte, Ciência e Técnica.

O computador realiza uma tarefa de seleção binária que é, sobretudo, um método de leitura, o mesmo usado por animais que selecionam sementes comestíveis dentre outras venenosas, ou pelas crianças que, brincando de “Bem me quer, mal me quer”, arrancam cruelmente pétalas de margaridas para resolver a dúvida se são ou não amadas. Na Pré-história, lia-se o mundo através das pegadas dos animais, do canto dos pássaros, das nuvens. Em Roma, Vitruvius ensinava a ler as entradas dos animais que viviam nos lugares onde os romanos pretendiam fazer seus acampamentos.

Ler significa *Legere*, escolher, decifrar, selecionar a quantidade (seu conteúdo) contida nas cifras. Decifrar, ou decodificar, significa selecionar o já selecionado. O selecionar é um ato de eleger, é a capacidade de escolher entre uma coisa ou outra. Assim, escrever e computar são modos de leitura; escreve-se sinais gráficos que já foram escolhidos. Atualmente, escolhe-se entre um novo tipo de sinais, as cifras, que não são mais os caracteres inscritos em um objeto ou como os sinais tipográficos. A palavra cifra deriva de *Zífer*, que quer dizer vazio (GUEDJ, 2000). A cifra é como um recipiente vazio que deve ser preenchido a partir da seleção de algo (TAHAN, 1999). As cifras são organizadas em sistemas de códigos assim como o código alfanumérico, o código numérico, o alfabético, e o binário. Quando escreve-se a cifra “A”, seleciona-se entre as

quantidades de sons, o específico da fala. Quando se escreve a cifra “2”, seleciona-se a ideia de pares. As cifras são espécies de ideogramas conceituais, abstratos e virtuais. Como Vilém Flusser, acredito que “Se virmos a cultura escrita em sua totalidade como uma única linha que se desenvolve há três mil anos, nós a reconheceremos como uma curva que parte das imagens para retornar a elas.” (FLUSSER, 2010 p. 150).

A Teoria Matemática da Informação, que opera no Paradigma Físico da transmissão de sinais – e não de mensagens –, apoia-se no conceito de seleção, que implica necessariamente em uma codificação a partir de cifras. A quantidade de seleção, ou seja, o número de escolhas possíveis, é chamada de Informação, que está ligada ao conceito de valor informativo em um processo interpretativo. Quanto mais possibilidades de escolha (de seleção), mais Informação, o que, por sua vez, provoca mais insegurança, ou seja, quanto maior a possibilidade de escolher, maior a incerteza. Nesse sentido, é interessante notar a diferença estabelecida, por essa teoria, entre Mensagem e Informação, visto que a Mensagem diminui a incerteza, enquanto a Informação a aumenta. A crítica feita frequentemente a esse paradigma considera o usuário apenas como um receptor, não reconhece um sujeito cognoscente e retira da Informação seu significado, bem como seus aspectos semânticos.

Entretanto, o programar, o criar algoritmos, não é uma novidade da informática. Quando prescrevemos padrões de comportamento nos manuais que acompanham nossos aparelhos eletrodomésticos ou eletrônico estamos programando para humanos (SENNET, 2009, p. 202). Segundo Flusser, a história do Ocidente poderia ser contada a partir da dessacralização dos mandamentos em direção à programação. Os Dez Mandamentos, o Código de Hamurabi, Decretos, Prescrições e Manuais de Instruções são escritos para automatizar o comportamento humano (FLUSSER, 2010, 71). A diferença entre o inscrever, o sobrescrever e o prescrever é que os dois primeiros são escritos para humanos, utilizando ferramentas e máquinas, respectivamente, enquanto o terceiro é escrito para aparelhos, utilizando cifras. Programar para aparelhos e não para humanos relativiza o próprio conceito de escrita, no sentido que textos são escritos para serem lidos por um leitor que não seria mais necessariamente humano.

Deste modo, a Teoria dos Sistemas, identificada ao Paradigma Cognitivo, postula que deveríamos chamar a Ciência da Informação de Ciência das Mensagens e da Informação, pois entende que, sendo a Mensagem uma oferta de sentidos e a Informação uma seleção de sentidos dentro dessa oferta, as duas são integradas por um processo de compreensão. A Comunicação seria vista como a unidade de três momentos: a Mensagem como oferta de sentido, a Informação como a seleção de sentido, e o Conhecimento como um processo de compreensão (CAPURRO, 2003).

Apesar de ser uma forma de registro, a escrita não é fixa, estando em constante transformação através de cada leitura e interpretação de cada texto. Diz-se que os textos são tecidos inacabados. Vejo os textos como uma corrente do crochet, tramada em direção a um leitor, seu alvo secreto e oculto. É próprio do escrever buscar o outro. Quem escreve estende a mão ao leitor, uma vez que os textos só se realizam na leitura, que modifica o texto. A partir do momento que são escritos, os textos recebem tantas interpretações quantas leituras forem feitas, interpretações que vão se acumulando, como estratos de sedimentos que se depositam com o tempo. Como obra aberta, um texto só está finalizado na hora de sua leitura, que é quando recebe do leitor os seus significados completando o trama do crochet na interlocução com o Outro. Não seria sem sentido lembrar que, na sabedoria popular, o trama do crochet chama-se fuxico, a mesma palavra usada para fofoca.

A Semiótica, que reúne os paradigmas Físico e Cognitivo dando-lhes uma dimensão social, amplia o conceito de interpretação para além do conhecimento humano, relacionando-o ao processo seletivo no qual o tratamento da informação é feito por rotinas, em hierarquias de hábitos, que chamamos símbolos.

5 Considerações finais

Este texto, leitor, foi escrito em um computador usando cifras que registraram meus pensamentos através de prescrições em algoritmos de um processador de textos para um aparelho. As tecnologias da Informação modificaram a percep-

ção de uma obra, pois a leitura diante da tela é descontínua e é possível buscar, a partir das palavras ou de *tags*, qualquer fragmento de texto, sem necessariamente perceber a coerência de sua totalidade textual.

Antes de escrever esse texto, tomei notas inscrevendo com uma caneta em um caderno, como se fazia até o final da Idade Média para escrever livros manuscritos, únicos e compostos por caracteres utilizando-se penas de aves. As notas foram baseadas na leitura de livros publicados por editoras em máquinas tipográficas que imprimem sobrescrevendo tipos. Assim, inscrever, sobrescrever e prescrever correspondem aos diferentes processos de registo de informações que usam ferramentas, máquinas e aparelhos, respectivamente, e que correspondem a conceitos de formas de registo: caracteres, tipos e cifras.

Se os textos são tecidos inacabados, a interpretação dessa informação compartilhada também o é. A consciência está em processo de transformação na medida em que se vincula diretamente à informação lida em um suporte, gravado através de uma determinada técnica. As técnicas, que se vinculam diretamente ao suporte em que a informação foi gravada e lida, modificam a consciência do leitor. Somando-se a isso, a interpretação desse texto também dependerá do contexto social, temporal e cognitivo em que cada leitor estiver inserido. Mas não me iludo quanto à minha liberdade de escrita, pois como lembra Vilém Flusser, somos sempre dependentes e limitados às condições oferecidas pelos aparelhos.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia a Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso: 15 set. 2015.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa**. Prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Nadie acabará com los libros**. Ciudad de México: Lumen, 2010.

FLUSSER, Vilém. **A escrita**. Há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, Vilém. **A dúvida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**. Elogio da superficialidade São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GUEDJ, Denis. **O teorema do papagaio**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

NEGROPONTE, Nicholas. **One laptop per child**. [2009]. Disponível em: <<http://laptop.org/en/>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. Informação e semiótica. **Semeiosis**, São Paulo, set. 2011. Disponível em: <http://www.semeiosis.com.br/wp-content/uploads/2011/09/OLIVEIRA-Lizete-Dias-de_Informa%C3%A7%C3%A3o-e-semi%C3%B3tica.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. **Obra filosófica reunida (1867-1893)**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**. Sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SACKS, Oliver. **O olhar da mente**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

SENNET, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TAHAN, Malba. **Os números governam o mundo**: folclore da Matemática. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

WEINBERGER, David. **A nova desordem digital:** os novos princípios que estão reinventando os negócios, a educação, a política, a ciência e a cultura. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

Recording information: consciousness, materiality and the writing code

Abstract: Writing is a powerful invention for recording and sharing information that changed human consciousness, giving it a new historical dimension linked to a vectorial and linear conception of time. In this study, the writing is analyzed from the methods used to record information (registration, overwriting and prescription) and the codes employed during this process (pictorial, alphanumeric or binary), each of which is linked to a concept of representation (characters, types and figures) that are registered through different techniques and material culture (tools, machines and machinery). It is concluded that each method of registration is connected to a different kind of awareness of the world, time, and social relationships, and that any change in one of those aspects produces changes in all the others.

Keywords: Information record. Writing. Materiality. Information Science.

Recebido em 15/09/2015

Aceito em 17/12/2015